

ARTE-EDUCAÇÃO COMO POSSIBILIDADE DE SENSIBILIZAÇÃO, SUBJETIVAÇÃO E PRODUÇÃO DE NARRATIVAS CRIATIVAS E DOCUMENTAIS EM ESPAÇOS DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE

Rebeka Siqueira Terra; Taís Amorim Manoel

Universidade Federal Fluminense - re21.bekamc@gmail.com

Faculdades Integradas Hélio Alonso - tais.amorim.tudo@gmail.com

RESUMO: Como é ser jovem, mulher e sem liberdade? O que é ser menina no Degase? Por que ninguém fala delas? Como a arte-educação pode ser um caminho de emancipação e transformação para essas jovens? Essas questões são o ponto de partida deste artigo que descreve as ações de arte-educação realizadas pela equipe da TV NOVO DEGASE no Centro de Capacitação Profissional (CECAP), especialmente, a trajetória da autora Rebeka Terra, ex interna do Educandário Santos Dumont, atual Centro de Socioeducação Professor Antônio Carlos Gomes da Costa (Cense PACGC). Também discute a aplicação de oficinas ludopedagógicas com recorte para as linguagens cênicas - expressão corporal e dinâmicas teatrais - como Preparação de Elenco do curta-metragem documental Meninas (In)visíveis, contemplado pelo edital Territórios Culturais RJ - Favela Criativa, da Secretaria de Cultura. As atividades, ministradas pela autora e arte-educadora Taís de Amorim, foram realizadas com adolescentes que cumprem medida de internação no sistema socioeducativo do Rio de Janeiro. O artigo procura demonstrar, por meio da trajetória da autora Rebeka Terra, e de uma compreensão de pesquisa como princípio educativo (DEMO, 2006), como a arte-educação pode ser ação educativa privilegiada para a emancipação e promoção dos saberes dos jovens que se encontram em espaços de privação de liberdade.

Palavras-chave: Arte-Educação, Cinema, Socioeducação, Ludopedagogia, Feminino.

Introdução

Como é ser jovem, mulher e sem liberdade? Como a arte-educação pode ser espaço de visibilidade dessas jovens? Este artigo busca, a partir das questões apresentadas, descrever as ações de arte-educação desenvolvidas no Centro de Capacitação Profissionalizante (CECAP) do Novo Degase, a partir das experiências da autora Rebeka Terra, participante da primeira turma da oficina de produção de TV e vídeo - TV NOVO DEGASE, oficialmente inaugurada em 2010 e a realização do curta-documental Meninas (In)visíveis (2018), em que as autoras participaram. Rebeka compoando a trilha sonora do documentário e demais atividades relacionadas ao curta e Taís Amorim realizando atividades ludopedagógicas com as jovens participantes.

Rebeka, que inicialmente atuou como aluna do projeto da TV Novo Degase é, hoje, produtora/ atuante no projeto Na Pista TV - que existe há pouco mais de 1 (um) ano, advindo da TV NOVO DEGASE. O programa surge da necessidade de dar voz e continuidade ao trabalho realizado pelos jovens, que postos em liberdade, ao receberem progressão de medida, desejavam dar continuidade ao curso de audiovisual. Este desejo, no entanto, não era visto com bons olhos pela instituição, pois demandaria seu retorno ao mesmo local onde cumpriu a medida socioeducativa de internação. A possibilidade de continuidade no projeto faz surgir o Na Pista TV (nome proposto pelos próprios jovens).

Rebeka Terra passou pela medida socioeducativa de internação há 8 anos, quando, pela primeira vez, teve o contato com o audiovisual ao participar das atividades da TV NOVO DEGASE. A participação nesse projeto foi o início de uma oportunidade que mudaria sua vida. A TV NOVO DEGASE, coordenada na época, pelo psicopedagogo Eduardo Caon, e dona de alguns prêmios, como: Medalha Tiradentes, Prêmio Nacional Juíza Patrícia Acioli de Práticas Humanitárias, dentre outros. Surge como oficina de produção de TV e vídeo, a partir da exposição de fotografias, “Sonhos Velados”, que retratava a realidade da falta de espelhos nas instituições de medidas socioeducativas, por medida de segurança, realizada na Casa de Cultura Laura Alvim.

Hoje, graduanda de Pedagogia na Universidade Federal Fluminense, atua no projeto Na Pista TV, que é composto por jovens que já cumpriram medida e jovens que não foram "pegos" (brinca a autora), na produção de vídeos/programas com variados temas, em sua maioria culturais, mas também com abordagens políticas. De acordo com Rebeka, o audiovisual é uma chance de elevar a autoestima do adolescente que passou pela medida socioeducativa, como também, uma oportunidade de fazer diferente e seguir novos rumos, além de fazer junção com jovens vindos das comunidades do Rio de Janeiro.

A relação e a conexão entre as linguagens e práticas de Rebeka e a autora Taís Amorim, surgem quando ambas se encontram durante a realização do curta-documental Meninas (In)visíveis (2018). Rebeka compõe a trilha sonora do documentário, tendo participado ativamente da produção, filmagem, dando dicas de fotografia e conduzindo familiaridade ao elenco, pelo pertencimento do assunto, e pós-produção. A fim de aproximar a equipe e as adolescentes, a autora Taís de Amorim - comunicóloga e arte-educadora - foi convidada pelas diretoras Isabela Aleixo e Karla Suarez para realizar atividades ludo-pedagógicas voltadas para a expressão corporal integral - fala, escrita, desenho, gestual e contato -, com o objetivo de proporcionar um ambiente real de compartilhamento de histórias, afetos e inquietações.

Metodologia, Resultados e Discussão

A TV Novo Degase tem o intuito de ressocializar jovens através do audiovisual, numa metodologia, em que, os alunos aprendem matemática, melhoram o português e descobrem novas ferramentas anteriormente desconhecidas por eles, uma vez que, grande parte desses jovens são oriundos de regiões de risco e deficiência social. Num intuito jornalístico, as dinâmicas usadas vão desde aproximação com o curso e com as ferramentas (câmeras, microfones, atuação) até entrevistas com diversas pessoas. Em uma dessas entrevistas, Rebeka, já em medida de liberdade assistida (LA), viajou para São Paulo com a equipe TV Novo Degase para conhecer e fazer um programa sobre o cartunista Maurício de Souza, em seu aniversário de 18 anos.

O filme Meninas (In)Visíveis mostra o cotidiano da única unidade de internação feminina no Estado. Cerca de 2 mil adolescentes vivem em restrição de liberdade no Rio de Janeiro. Parte esmagadora desses jovens são meninos. As meninas representam aproximadamente 3% desse total. A única unidade destinada a receber adolescentes do gênero feminino em conflito com a lei em todo o estado é o Centro de Socioeducação Professor Antônio Carlos Gomes da Costa, localizado na Ilha do Governador. Mais da metade das meninas que lá estão são de Comarcas.

Como é ser jovem, mulher e sem liberdade? O que é ser menina no Degase? Por que ninguém fala delas? ‘Meninas (In)visíveis’ faz essas perguntas às suas entrevistadas e traz o questionamento ao espectador. O projeto, que surgiu em meio ao debate nacional sobre a redução da maioridade penal, em 2015, busca conhecer uma realidade da qual pouco se sabe e pouco se fala, levando em conta as singularidades da experiência feminina, dos sonhos da

adolescência e do contexto vivido no cometimento do ato infracional. A proposta das oficinas arte-educativas como base fundamental no contexto de preparação do elenco do filme vem da necessidade de se construir uma relação inicial com as protagonistas.

Neste contexto, entende-se esse trabalho como processo de ação-reflexão-ação das práticas vivenciadas por essas jovens em situação de privação de liberdade. O cenário e o espaço de diálogo propício às entrevistas foi criado a partir das constantes rodas de conversa, das dinâmicas voltadas para o resgate do lúdico e das infâncias, através do desenho e da escrita livre, do livre brincar, estimulado por elementos como massa de modelar e exercícios de contato e improvisação; das memórias afetivas e olfativas - dinâmicas ao ar livre, com histórias contadas e cantadas pelas adolescentes, além das experiências sensoriais com aromaterapia e na área verde da unidade PACGC e cartas feitas por elas para elas.

Assim como Demo (2006), compreende-se, neste artigo, *que a pesquisa pode significar condição de consciência crítica e cabe como componente necessário de toda proposta emancipatória*. O processo de concepção e produção do filme pautou-se pela participação ativa das jovens, em constante reflexão crítica sobre as experiências vivenciadas nos espaços de privação.

Como afirma o autor,

Pesquisa como princípio científico e educativo faz parte de todo processo emancipatório, no qual se constrói o sujeito histórico autossuficiente, crítico e autocrítico, participante e capaz de reagir contra a situação de objeto e de não cultivar o outro como objeto. Pesquisa como diálogo é processo cotidiano integrante do ritmo de vida, produto e motivo de interesses sociais em confronto, base da aprendizagem que não se restrinja a mera reprodução. Na acepção mais simples, pode significar conhecer, saber, informar-se para sobreviver, para enfrentar a vida de modo consciente. (DEMO, 2006. P.42-43).

Entre dezembro de 2017 e janeiro de 2018, foram realizados encontros semanais - segundo a disponibilidade da instituição - em que foram vivenciadas trocas valiosíssimas não só como disparadores e estímulos às conversas captadas durante as filmagens, mas como alternativa real de humanização das relações entre as adolescentes, os e as agentes, em um contexto tão complexo e fragmentado. Durante o filme, uma das participantes, T., compôs uma música, que, junto com a trilha feita por Rebecka, autora deste artigo, faz parte do filme. Ao final das filmagens, houve demanda das adolescentes por continuidade das vivências, dando origem ao projeto de oficinas artísticas ministradas pela autora Taís Amorim, realizadas de forma voluntária entre março e junho de 2018, livremente inspirada no projeto Arte Como Possibilidade de Liberdade, realizado pela Cia. Zula de Teatro, na unidade prisional Estevão Pinto, em Belo Horizonte, Minas Gerais.

As atividades artísticas dentro de um ambiente de restrição e privação de liberdade cria novas possibilidades de tempo e espaço. Ao longo desse período, percebe-se o impacto positivo no cotidiano das adolescentes, a partir da observação das potências de suas narrativas criativas - textos, desenhos e partituras corporais - ou apenas relatos com riqueza de detalhes. Este processo se dá pelos principais disparadores da relação entre a arte-educadora e as participantes: a livre expressão dos afetos e a escuta sensível e ativa. Neste contexto, a assimilação e a possibilidade reinvenção de seus contextos, e o olhar e a observação para estes, se dá durante a experiência. Na experiência entendemos que a origem dos afetos - sejam eles construtivos ou destrutivos - são a mesma: o corpo. "O corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída". (Espinosa, Ética III). E é este corpo - físico, emocional e espiritual -, com identidade, repertório e história

que desejamos estimular, na contramão de um sistema que, estruturalmente, anula subjetividades e a criatividade. De acordo com Adriana Barin,

A singularidade da filosofia de Espinosa aparece pelo olhar cuidadoso que ele lança ao campo da experiência. Este campo não é estudado por ele a partir de uma perspectiva pautada na díade sujeito-objeto, mas diferente disso, trata-se de uma atenção ao jogo das relações que constitui a ambos na experiência. (BARIN, 2011, p. 1)

O processo de aprendizagem na relação educadora-participante se dá de forma mútua, a partir da constatação de que, como afirma Fiche (2012, p. 4)

No exercício da linguagem teatral, em que todos, sem exceção, estão envolvidos na ação dramática, uns observando e outros atuando, o homem passa a encontrar caminhos de expressão revelando seus afetos e conseqüentemente o que possui de humano. Trabalhar num universo opressor e de exclusão é desafiador para todos os envolvidos.

Conclusão

Diante dos fatos, importante e crucial o entendimento de uma educação que não esteja acabada, com metodologias pré-determinadas, construídas fora do processo ensino-aprendizagem e do contato direto e respeitoso entre educador e educandos. É necessário formar educadores mais atentos as necessidades e desejos dos jovens e das jovens em conflito com a lei e sobre como ensiná-los. Destaca-se a importância do investimento em práticas pedagógicas que favoreçam a troca de vivências, da escuta do outro, por meio do uso do audiovisual e da arte corporal em espaços de restrição de liberdade. É imprescindível que aprendamos que nenhum ser humano nasce pronto, somos a mistura e a tensão entre o que herdamos geneticamente, cultural e socialmente. Como diz o educador Paulo Freire (2002, p. 22) “onde há vida, há inacabamento” Ensinar e aprender é redescobrir-se e é preciso uma alma aventureira e ávida para isso. Citando o mestre novamente (FREIRE, 2002, p. 28), conclui-se que “Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito”.

REFERÊNCIAS

BARIN, Adriana. A arte dos afetos em Deleuze e Espinosa. ALEGRAR . 07, set., 2011.

DEMO, Pedro. *Pesquisa: princípio científico e educativo*. 12. Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*, São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FICHE, Natália Ribeiro. *Teatro na Prisão: trajetórias individuais e perspectivas coletivas*.

Anais do VII Congresso da ABRACE. Porto Alegre, 2012. Disponível em:

<http://www.portalabrace.org/viicongresso/completos/pedagogia/Natalia%20FICHE%20%20Teatro%20na%20Prisao.pdf> Acesso: 03 de jun., 2018.